

# ENSAIOS CONTEMPORÂNEOS

## GRUPO PRIMEIRO ATO

**01:00:16:07**

**ABERTURA**

**01:01:26:10**

**Suely Machado**

Foi bom assim o visual de olhar pra natureza, de olhar pro espaço. Usar isso nas improvisações. Agora, por exemplo, tá batendo um vento, tem uma leveza que surge, deixa ela te levar também. E eu queria repetir a sequência inicial.

**01:02:51:07**

**Suely Machado**

Quem deu o nome do Primeiro Ato foi um arquiteto, porque eu não queria que chamasse nada de dança nem tivesse o meu nome, e ele fez uma brincadeira, ah, vamos supor, uma dramatização, vão abrir as cortinas, primeiro ato, aí eu falei "é esse o nome" ele falou "que nome? "eu falei "esse, primeiro ato". Eu quero estar sendo sempre o primeiro ato, não me interessa o fim, me interessa essa dúvida, essa pesquisa, esse lugar de investigar, eu adoro essa palavra, "investigação". Você não sabe onde vai chegar, você tá procurando, mas procurando com uma clareza de sentido, tem um objetivo.

**01:02:49:10**

**Suely Machado**

O "Primeiro Ato" surgiu no desejo de uma ação coletiva. Na época, nós eram os um grupo de pessoas vindas de diferentes estilos de dança. Éramos amigas, gostávamos de criar juntas, tinha uma pessoa que vinha da dança clássica de repertório, tinha uma pessoa que vinha do jazz, outra do moderno e outra que vinha de um estudo de educação física, e nós descobrimos que juntas nós criávamos uma maneira muito peculiar de desenvolver coreograficamente uma ideia. Então, o que a gente queria era saber como que a influência tão diferente de cada uma atuaria em uma composição, em uma criação que pudesse ter identidade no gesto, pudesse ter autonomia no sentido de não repetir passos, mas o quê que eu teria a dizer através dessa criação trazendo a inquietação do nosso tempo, mas coletivamente. Por quê? A gente sabia que era mais difícil. Antes de isso virar a frase do momento como agora, a gente já estava valorizando tolerância, diferenças, como que é conviver com criações tão diferentes, no desejo de criar, e não de repetir.

**01:04:43:09**

**Suely Machado**

A gente queria popularizar a dança. Nós fomos dos primeiros grupos que tivemos dança na rua, mas não a dança que sai do palco e vai pra rua, feita especificamente para ao ambiente de rua. Se você pensar, historicamente, a dança nasce na corte, ela estava a serviço da fala do rei, ela estava a serviço, politicamente, do que o rei queria dizer. Coube, eu acho, a esses últimos séculos tirar a dança desse lugar, e a gente deve isso a Isadora Duncan que tira as sapatilhas e vai dançar na natureza e depois todos os que vieram depois através dessa história, a gente queria muito esse lugar de popularizar a dança.

**01:05:52:19**

**Marcela Rosa – Bailarina e Assistente de Direção**

Eu sempre amei dançar, desde criança, e eu procurei a escola do "Primeiro Ato" e o "Primeiro Ato" também estava começando, né? Isso foi em 85, e caí na aula de dança moderna, com a Suely Machado. E no "Primeiro Ato" a dança moderna era muito forte, como linguagem já de expressão artística, de possibilidade criativa, de identidade no gesto. Isso já acontecia na época com a dança moderna.

**01:06:52:16**

**Beatriz Cerbino – Professora e Pesquisadora em Dança– Professora e Pesquisadora em Dança**

Eu acho que é muito rico o modo da Suely trabalhar, de ela trazer outros olhares, outros coreógrafos para trabalhar com ela, para trabalhar com o "Primeiro Ato", acho que agrega novos sentidos para a companhia, novos formatos, novas perspectivas e quanto mais novas perspectivas e novos olhares para a companhia ela traz, mais essa companhia pode respirar. Isso faz ter uma troca de informações que é muito importante.

**01:07:54:10**

**Suely Machado**

Eu descobri com o tempo que eu trabalhava em uma linha tênue que reúne, que aproxima a dança do teatro, das artes plásticas, da poesia, da literatura, da dramaturgia, do canto e da música. Mas, antes de mais nada, essa capacidade da fala com o corpo. A dança, você parte de uma folha em branco, você escreve o texto com esse corpo, não tem legenda, e ela não sofre do problema de linguagem. Todos mundo tem um corpo, todo mundo pode se manifestar com esse corpo e esse corpo é comum a todos, né? A minha máscara de tristeza, alegria, tranquilidade, segurança, insegurança medo; isso tudo está muito claro para todos. Então que drama, que dramaturgia é construída nesse corpo a ponto de ele ter uma fala clara, não precisar do texto e da legenda. E isso é muito libertador e de muita responsabilidade.

**01:09:34:23**

**Marcela Rosa – Bailarina e Assistente de Direção**

Tem horas que a gente cai mais pro lado da dramaturgia, mesmo do teatro. Quando a gente trabalhou o processo do beijo nos olhos da alma na carne, foi um trabalho muito teatral onde a gente foi fundo na obra do Nelson Rodrigues, foi uma pesquisa grande. Entramos nos personagens, né? E foi até difícil transformar isso depois em dança, porque é tão forte, os personagens são tão fortes que as vezes aprisionava um pouco a expressão do movimento, da dança.

**01:10:34:25**

**Alex Dias – Bailarino e Coreógrafo – Bailarino e Coreógrafo**

E acho que "Beijo" foi um trabalho muito importante pro grupo porque traz essa dramaturgia tanto do Nelson, mas uma dramaturgia da cena, uma dramaturgia do trabalho da direção, é uma dramaturgia do gesto. Mas a gente fala, a gente canta, é uma... "Beijo" vai por todos esses lugares. Não importa muito o que você vai fazer para expressar o que você deseja dentro do trabalho, do que você está se propondo ali em um determinado espetáculo. Então a gente tem espetáculos que vão para a literatura, que vão para o teatro. A gente tem Nelson Rodrigues, tem Carlos Drummond de Andrade, então o que você vai fazer para pode expressar o que você está sentindo a respeito de movimento e do que você está falando. Não importa se é dança, se você vai utilizar de balé clássico, se você vai utilizar de dança moderna, se você vai utilizar de movimento cotidiano, se você vai falar, se você vai fazer mímica, se você vai cantar. Então, essa liberdade de você ir aprofundando, e misturando, e ir fazendo todo esse hibridismos, é quase uma mestiçagem das artes, isso é algo que me encanta dentro do Primeiro Ato".

**01:11:48:02**

Se tu desejas saber  
O que é o amor  
E sentir o seu calor  
O amaríssimo travar  
Do seu dulçor  
Sobe o monte  
Ouve a onda  
Sobre a areia lacrimar  
Ouve o silêncio  
A falar na solidão  
Do calado coração  
A penar a derramar  
Os prantos seus  
Ouve o choro perenal  
A dor silente universal  
E a dor maior  
Que é a dor de Deus  
Se tu queres mais  
Saber a fonte dos meus ais  
Põe o ouvido aqui  
Na rósea flor do coração  
Ouve a inquietação  
Da merencória pulsação  
Busca saber qual a razão  
Porque ele vive assim  
Tão triste a suspirar  
A palpitar em desesperação  
Na teima de amar  
Um insensível coração  
Que a ninguém dirá no peito  
Ingrato em que ele está  
Mas que ao sepulcro  
Fatalmente o levará

**01:13:06:11**

**VINHETA - ESTAMOS APRESENTANDO**

**01:13:21:09**

**VINHETA - VOLTAMOS A APRESENTAR**

**01:14:09:07**

**Suely Machado**

Eu acho que eu não posso negar a minha paixão pelo ser humano em si. Cada ser humano é um mistério a desvendar, sim. Claro que é muita ousadia querer desvendar o mistério de uma pessoa. Ela tem segredos e isso é maravilhoso, né? Mas, quando você trabalha com várias pessoas em criação, e que ela colocam ali tudo delas para o objetivo de criar uma fala que alcance uma pessoa, ela é desvendada. Não tem como, toda obra em si é autoral. Não tem como! Você tá falando de você ou pelo menos falando de alguma

coisa com a sua visão daquilo que você está dizendo. Quando você tem um grupo que trabalha em um esquema colaborativo, essa obra está permeada dessa biografia de cada um. Então nesse sentido é que você, ao desvendar esse mistério desses criadores, você atinge o mistério de quem está vendo, porque as pessoas se identificam de alguma forma, elas veem ali algo que é delas, que é próprio de cada um.

**01:15:50:11**

**Marcela Rosa – Bailarina e Assistente de Direção**

É um processo realmente colaborativo, né? As pessoas colocam ali os seus desejos, as suas falas, as suas vontades e tem uma troca ali. E para completar assim isso tudo, é o olhar provocador que instiga, que não deixa a gente se acomodar, que apita na hora que fala assim "Você está se repetindo", que é o olhar da Suely, que está sempre apoiando mas ao mesmo tempo provocando e fazendo que agente queira sempre buscar, sempre atentando a gente para esse lugar que a gente ainda não foi.

**01:16:36:13**

**Lígia Tourinho – Artista do Movimento – Artista do Movimento**

Tem uma mineirice que sempre acompanha o "Primeiro Ato", porque tem uma beleza, uma delicadeza, uma sutileza, um cuidado. Ao mesmo tempo, cada cena do "Primeiro Ato", cada espetáculo do "Primeiro Ato" tem um universo particular, então o "Primeiro Ato", na sua dramaturgia, na construção dos seus espetáculos, ele é reconhecido por uma delicadeza, um cuidado, mas ao mesmo tempo, são muitas paisagens.

**01:17:16:00**

**Suely Machado**

Principalmente, não deixa a sandália ficar solene, porque a música é solene. Não. É uma neutralidade do caminho. Pelo contrário, se nós estamos falando da primavera, tem uma cor, tem um som, tem uma coisa que tem que estar mais... Não pode entrar na sonoridade dele. Se o coração entra, se o coração entra...Mais. É diferente, você pode fazer o coração com energia invés de fazer... Entendeu?

**01:18:02:03**

**Alex Dias – Bailarino e Coreógrafo**

Quando eu entrei, eles estavam trabalhando justamente com os bailarinos essa questão de que eles trouxessem a coreografia. Ou seja, a coreografia foi>construída com os bailarinos. Acho que foi a primeira vez, forte mesmo, talvez institucionalizada que esse processo colaborativo apareceu com mais clareza. O "Primeiro Ato" ele trabalha com isso, ele vai buscando. A Suely puxa isso da gente. "Tá, quem é você? O que você quer dizer com isso?" Você, não o que o outro quis dizer, porque o que o outro quis dizer, ele já disse, mas dentro do que ele quis dizer, que você compreende, como que você transforma isso? Como que você traz essa dramaturgia ou essa expressão em você para o espetáculo? Existe uma confiança e uma autonomia que é dada para o bailarino que é muito importante e eu vejo isso em poucos lugares que eu já frequentei.

**01:19:15:27**

**Marco Rolla - Figurinista- Figurinista**

Eu já tinha tido uma experiência de fazer cenário-figurino com teatro antes e fiz uma aula de dança e também construí um grupo por causa do Sherman. Na ocasião, ela estava coreografando junto com o Arnaldo Alvarenga o Carne Viva, por causa dessa proximidade que a gente tinha, e também pelo fato de ela saber que eu era artista plástico e fazia esse tipo de trabalho de cenário e figurino, expressara estética de um espetáculo, ela me apresentou para a Suely, eu muito... Um pouco ingênuo, num sentido, e muito corajoso, porque na nossa juventude, a gente tem ímpetos assim. Então eu fiz meu projeto de cenário

numa caixinha de sapatos, e com papelzinho dobrado, toda a representação assim, talvez... se encantou. Até hoje eu acho bastante...Forte, assim, a coragem que ela teve de acreditar num garoto de 21 anos dessa forma num trabalho bastante... Vamos dizer, denso. Essa fato pra mim foi muito, sempre muito significativo, não teve dúvida em nenhum momento, né?

**01:21:01:22**

**Suely Machado**

"Passagem" é o terceiro espetáculo de rua do Primeiro Ato. Ele é um espetáculo que surge como observação de que as pessoas, no cotidiano, pela pressa, pela relação com o virtual, elas pararam, elas pararam de se olhar. E pousar o olhar, passou a ser uma dificuldade.

**01:22:35:27**

**Alex Dias – Bailarino e Coreógrafo**

Então a primeira ideia que eu tive foi que nós bailarinos, direção, Suely também foi, eu fui; a gente passou uma hora, cada um foi pra um canto em Belo Horizonte, em algum lugar da cidade e a gente caminhava e eu observava o que quisesse observar. A gente percebeu uma coisa muito bacana, que as pessoas passam, não é? Às vezes você tá passando e você encontra alguém, você não sabe de onde aquela pessoa veio, pra onde aquela pessoa vai, ela não sabe de onde você veio, pra onde você vai, mas naquele instante ali, vocês estão juntos naquele lugar, então a gente leva isso pra rua, e a gente construiu um jogo entre os bailarinos, entre passagens mesmo, um passa pelo outro, acontece algo, a coisa circula entre a plateia, né? Porque o "Passagem", ele começa com os bailarinos caminhando na rua, e aí o jogo começa a acontecer entre eles, mas até que as pessoas percebem o que que tá rolando, leva um tempo, então às vezes a cena já está acontecendo e tem gente parado, conversando, passando, que não nota, tá lá no celular, não nota o que tá acontecendo... Com o tempo, isso vai descolando até que o espetáculo acontece, então ele tem essa relação, e ele termina do mesmo jeito, na hora que ele termina, os bailarinos entram e se diluem no meio do público, é realmente uma passagem. coisa acontece e ela se dilui.

**01:24:48:01**

**Suely Machado**

Estamos na vida fazendo uma passagem, podemos só passar pela vida um do outro, mas se eu puder deixar alguma coisa pra você através do toque e do olhar, mesmo que esse toque seja uma frase, num dá é pra fugir, é pra ter medo do outro, ter medo dessa riqueza que é o outro e isso pra mim não dá.

**01:25:56:06**

**VINHETA - ESTAMOS APRESENTANDO**

**01:26:11:15**

**VINHETA - VOLTAMOS A APRESENTAR**

**01:26:43:06**

**Suely Machado**

Eu sempre fui uma pessoa que me preocupei como que a minha dança está passando, fazendo dança contemporânea hoje, eu não sou a favor da história, dança não é pra entender. Não, dança pode não ser pra entender, mas ela tem que contactar, ela tem que ter um diálogo, porque senão, você faz no banheiro da sua casa uma coisa como é o selfie, eu me alimentando de mim mesma. Não, ela é um contato, ela é uma troca, ela tem que passar alguma coisa pra você, e a técnica, ela sempre pra mim foi considerada uma ferramenta e não um fim. Eu não queria uma dança que você dissesse: Ó, que lindo, tantas piruetas, como a perna dela é alta. Isso eu consigo fazer". Não, não era isso. Pelo contrário, eu queria uma dança

que você pudesse dizer: "olha, isso eu também sinto", "olha, me identifico com isso, este também sou eu", algo que aproxima.

**01:27:48:17**

**Suely Machado**

O teatro sempre foi uma paixão pra mim, eu tinha muito desejo de que o corpo pudesse chegar naquele nível de dramaturgia, uma influência muito forte pra mim, o universo da Pina Bausch, o Ohad Naharin, de Israel, Trisha Brown. A literatura sempre me influenciou, Nelson Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade, Gabriel Garcia Marquez; pessoas que trouxeram o universo cotidiano de uma maneira muito singular, Francis Bacon pela deformação dentro das artes plásticas; Chaplin, muito forte na corporeidade dele. Mais proximamente Klauss Vianna, na sua maneira de respeitar essas diferenças, aqui em Belo Horizonte Marilene Martins, que foi quem criou o grupo "Transforma", de onde saiu o grupo "Corpo", de onde saiu o "Primeiro Ato". Inesquecível Maria Maria e o Último Trem, a forma como o Oscar Araiz trouxe pra Minas Gerais essa visão da dramaturgia no gesto, são muitas essas influências.

**01:29:17:18**

**Marco Paulo Rolla - Figurinista**

A dança, especificamente, diferentemente do teatro muitas vezes, nem tudo é absoluto, mas no caso, a dança é muito mais um tipo de arte mais abstrata em certo sentido, em que os estímulos visuais falam demais. São muito importantes. Então a pessoa não vai falar uma palavra, mas a caracterização dela pode dizer muitas coisas; muitas vezes tá por conta, por exemplo, do figurino, transformações, realizar desejos imagéticos, muito importante, é uma contribuição muito forte. Quando você cria a visualidade de um espetáculo é muito importante que a gente pense que a criação, ela parece muito com a composição, por exemplo, de uma obra de arte ou uma imagem, uma pintura. Então essas entradas de tonalidade, coisas, elas podem trazer estímulo no sentido sensorial, de clima, né? Pode ajudar a trazer sentimentos, inclusive, tanto pro bailarino, para o público. Eu acredito que o figurino é como se fosse uma fala.

**01:30:59:01**

**Suely Machado**

"Isso aqui não é Gotham City" foi um marco na carreira do Primeiro Ato, porque foi justamente a junção da dança com o teatro, com o circo, com a linguagem da mímica, e coma música. Nós trabalhamos 10 anos com um diretor chamado Paulinho Polica, que é diretor de teatro de bonecos e tem na linguagem dele um forte apelo da linguagem circense.

**01:31:36:17**

**Marcela Rosa – Bailarina e Assistente de Direção**

O Paulinho Polica trouxe esse lado da mímica, dos bonecos pra gente brincar junto com a dança e a gente criou personagens e criamos um roteiro, uma história que eram vários bandidos atrás de uma mala, uma história bem contemporânea. Todos eram bandidos. Todos os personagens eram bandidos e tinha um super-herói.

**01:31:56:27**

**Marco Rolla - Figurinista**

O Gotham City especificamente foi bastante através da necessidade de cada personagem. O Gotham City, ele tem esse apelo dos quadrinhos, então tinha essa coisa muito divertida que o Paulinho Polica criou, que foi essas personagens duplas, que acontece muito em quadrinho, que os personagens tem um disfarce pra estar no cotidiano e de repente vira um ser, assim, poderoso. Foi muito divertido, com certeza. Esse aqui era o estudo pro Mancha, cabeça do Mancha, que é o personagem principal. Essa

personagem é muito divertida, personagem que tem um... Esse casaco tem mil e uma utilidades, muitos instrumentos de tortura. Essa vira a mulher aranha.

**01:32:59:14**

**Marcela Rosa – Bailarina e Assistente de Direção**

Eu fiz um cantor, Rossé Barbosa, e esse aqui era o figurino dele. Tinha os ladrõezinhos, o 61, 62. Xing e Ling, que tem essas histórias, né? Meio trapalhão, porque na verdade isso aqui não é Gotham City, então era tudo, assim, bem...

**01:33:17:17**

**Suely Machado -**

Foi muito interessante porque um grupo de dança com homens e mulheres estarem a serviço de uma história em quadrinhos. Na época, em 1992, isso foi uma loucura, a classe falou que isso não era dança. Os atores, o circo, as outras áreas artísticas amaram. Nós tivemos um momento assim de dançar no Brasil inteiro e foi um sucesso e a classe de dança falava que não era dança. Dez anos depois, nós ganhamos todos os prêmios de dança com um trabalho que não era dança. A gente escutava umas coisas tipo assim "eu não sabia que eu podia rir em um espetáculo de dança. Eu não sabia que eu podia delirar e voltar a minha infância em um espetáculo de dança".

**01:34:07:21**

**Marcela Rosa – Bailarina e Assistente de Direção-**

Foi interessante porque dez anos depois, isso que é lindo de ter repertório, porque a gente aprende com isso, isso é história. Não é uma história só do Primeiro Ato, é história da dança. São histórias através do tempo que você vai vendo como que a dança, os conceitos, os valores, como arte vai evoluindo.

**01:35:12:12**

**Alex Dias – Bailarino e Coreógrafo**

A Suely perguntou para os bailarinos, para nós todos um dia, se algum de nós queria propor alguma coisa para ela dirigir junto com a gente. E a minha questão era: dá pra gente poder desenvolver uma pesquisa a partir do encadeamento ósseo, do direcionamento ósseo das conexões entre as articulações? Eu li uma vez uma frase de um surrealista que era assim: "O esqueleto é o nu integral". Isso ficou martelando na minha cabeça antes, mas eu falei: "O que é esse nu integral, que a gente tem de mais íntimo, de mais interno e o que perdura? Será que realmente se a gente conseguisse expor esse movimento do esqueleto, a gente estaria expondo uma essência, uma memória, uma ideia de mundo aí que seria do"... Eram só perguntas até que isso começou a se transformar em uma preparação para, aí sim, descobrir que tipo de narrativa corporal, o quê que ia surgir disso? E a gente começou a construir várias pequenas células de movimento, sem ligação nenhuma. E aí foi bacana demais, porque quando ela veio assistir, ela ficou assim assustada pela quantidade de movimento. Ela falou "Sim, isso gera um tema", ou seja, "o quê que vocês estão me mostrando?" Um excesso de informação. Ela começou a construir a cena com todas essas informações juntas. Então o "Mundo Perfumado" vem disso.

**01:36:45:16**

**Suely Machado**

O "Mundo Perfumado" é uma ode ao excesso do nosso tempo. Como que, através de um movimento que partiu do osso, que é a memória essencial, fazer brotar diferentes movimentos, com diferentes conteúdos, com diferentes propostas de encontro e essa memória óssea trouxe à tona um excesso. Justamente porque tem o excesso, te leva a algo essencial. O quê que fica depois disso tudo? Algo que te traduz, que faz com que você seja único e como único, você pode dividir sem perder a identidade.

**01:38:45:27**

**VINHETA - ESTAMOS APRESENTANDO**

**01:39:01:02**

**VINHETA - VOLTAMOS A APRESENTAR**

**01:39:34:00**

**Suely Machado**

No começo do "Primeiro Ato" nós éramos quatro bailarinas vindas de estilos diferentes e todo mundo queria dançar, mas ninguém imaginou o quê que era criar um centro de formação e um grupo profissional. Dançar é uma coisa, gerir tudo isso é outra; e eu descobri que é gerir pessoas em estado de ebulição. Porque o artista, ele é em si inquieto, instigado por milhões de coisas. Então, você tem que dar toda a liberdade, instigar essa inquietude, mas ao mesmo tempo você tem que harmonizar isso tudo para ter um resultado. Depois que a Vivi te busca para O para o lado de cá. Vocês estão aqui... Isso. Trouxe. Passou, e passou, e passou. Agora segurou e agora a dinâmica é mais acelerada. Vai virando e vai indo, vai indo, não deixa o... Isso. Chegou, já vai... Não deixa a pausa domar, isso. Ensinar dança é uma paixão pra mim, e eu dou aula ainda, né? Eu não parei de dar aula e acho que não vou parar nunca. Está dentro do universo da descoberta desses universos pessoais. Você empoderar uma pessoa do próprio corpo é maravilhoso. A sua consciência do seu corpo é única, e muitas vezes as pessoas não se dão conta daquilo que elas podem com o próprio corpo. Então você participar dessa descoberta e ajudá-la a ter esse domínio e esse empoderamento, é maravilhoso.

**01:41:37:22**

**Beatriz Cerbino – Professora e Pesquisadora em Dança**

A gente vê essa questão do movimento, desse cuidado com a construção do movimento. Para o trabalho das mãos, para o trabalho dos braços. Às vezes é um simples virar de cabeça, um tronco, é uma marca registrada da companhia e isso é fundamental quando a gente olha para tudo o que foi conquistado, e que não foi pouco. Hoje, olhar para uma companhia, para um grupo, e que além de tudo, tem uma escola, e que faz questão de ter também projetos dentro de outras escolas, o que é muito importante, projetos de formação em dança e construir uma identidade em dança.

**01:42:27:22**

**Suely Machado –**

A continuidade, a permanência, é um ponto alto. Sobreviver de dança 35 anos em uma ação continuada, ininterrupta, no Brasil é uma tarefa hercúlea. Nós sobrevivemos a todas as fases e épocas e crises, e eu sou uma pessoa que aposto na longevidade, então nesses 35 anos nós tivemos três elencos diferentes só.

**01:43:01:25**

**Marcela Rosa – Bailarina e Assistente de Direção –**

E essa continuidade que eu acho maravilhoso. Poder ter uma construção no tempo, de linguagem, de pesquisa, é um privilégio ter espaço para trabalhar, ter um grupo para trabalhar, ter colegas para trocar, para pensar junto, para estudar juntos. É muito rico esse processo no coletivo.

**01:43:31:29**

**Suely Machado**

O Brasil passa um momento muito rico em dança. Paradoxalmente, esses momentos onde tudo é muito difícil, você é muito criativo porque a gente tem que se reinventar e achar uma maneira de sobreviver.

Nos últimos anos, a dificuldade financeira fez com que a gente visse muitos coletivos acabarem, infelizmente, mas ao mesmo tempo, a procura dos jovens por uma dança que os identifique e que marque uma presença, e houve uma abertura muito grande também no sentido de perceber que não existe uma dança, né? São muitas. A dança, ocupando os espaços públicos, ocupando a cidade, a rua e os espaços coletivos e eu acho que isso é muito importante.

**01:44:44:21**

**01:45:12:28**

**Lígia Tourinho – Artista do Movimento**

Todo artista ele traz as suas questões e as questões que estão no mundo, que estão o afligindo, ou estão. E é claro que todo artista sempre traz essa perspectiva a partir do seu olhar, da sua maneira de lidar com o mundo. Então, por exemplo, olhar para o Primeiro Ato hoje, olhar para as perguntas que ele tem feito nos seus últimos espetáculos, é olhar também para perguntas que já tenham um tempo de pensamento que é bem reflexivo que consegue conversar bastante com o momento e com a tradição. E é muito importante, por exemplo, quando a gente fala do Brasil, né? Não pela É que a nossa cultura, ela tem uma tradição linda, mas o tempo inteiro é como se as circunstâncias que a gente atravessa no nosso país tentasse roubar o que a gente tem de mais importante, que é a cultura. E acho que essa é uma dimensão muito bonita no Primeiro Ato, porque ele está sempre conversando com a cultura brasileira e conversando com a cultura, em especial, mineira.

**01:46:54:17**

**Suely Machado**

O "Três Luas" foi um convite irrecusável. Quando eu fiz o meu primeiro trabalho com a trilha do Zeca Baleiro, ele me deu de presente CD dos poemas da Hilda Hilst, musicados por ele e interpretados por dez diferentes cantoras brasileiras. Eu fiquei encantada e falei com ele. Guarda isso pra mim, eu vou buscar recurso pra fazer essa obra"; e a única obra da Hilda Hilst voltada para o amor, para o júbilo, paixão, e eu falei: "É esse lugar que eu quero voltar. Eu quero voltar pra falar desse lirismo que me acompanhou a vida inteira". E então eu fiz a pesquisa, coreografei com a colaboração de cada bailarino, encenei, fiz a encenação e como eram dez poemas, eu poderia dar a minha colaboração com um único poema. Eu sou muito preciosista e eu tinha... Eu fiquei 25 anos fora do palco com medo desse olhar geral do diretor se perder se eu entrasse para fazer alguma coisa, mas dessa maneira eu teria três minutos só para eu voltar e poderia manter esse olhar de fora.

**01:48:14:29**

**Apresentação**

Muitos assim o fizeram. Alguns com sangue, outros com o vermelho do batom carnal. Com lágrimas, talvez. Lágrimas. Mas nem com a seiva do amor plantada em mim.

**01:49:59:14**

**Suely Machado**

Eu me considero uma pessoa apaixonada pela vida, pelo o que eu faço, pelas pessoas e eu acho que o motivo que me traria de volta para o palco é essa paixão, esse júbilo ao amor, que é a minha política, é a minha bandeira, é a minha ferramenta de trabalho. Eu acho que o que você não consegue por essa via, você dificilmente consegue por qualquer outra. A minha bandeira, o meu grito vem daí. Encontrar uma maneira de ser subversivo à intolerância, à agressividade, ao preconceito dessa maneira, com uma fala diversificada e aberta. É isso que me fez voltar.

**01:50:01,197**

A minha casa é Guardiã do meu corpo  
E protetora de todas  
As minhas ardências  
E transmuta em palavra  
Paixão e veemência  
E minha boca  
Se faz fonte de prata  
Ainda que eu grite  
À Casa que só existo  
Para sorver a água da tua boca  
A minha Casa, Dionísio  
Te lamenta  
E manda que eu te pergunte  
Assim de frente  
Há uma mulher  
Que canta ensolarada  
E que é sonora  
Múltipla, argonauta  
Por que recusas  
Amor e permanência?

**01:51:36:16**

**CRÉDITOS FINAIS**